

SAUDAÇÃO A TÁCITO THEÓPHILO DE OLIVEIRA

José Parsifal Barroso

Senhor General-de-Exército

TÁCITO THEÓPHILO GASPAR DE OLIVEIRA:

Permiti que, no limiar da cerimônia de vossa posse, como sócio titular do Instituto do Ceará, ouse vos revelar um desejo muito meu, de misturar a alegria d'alma com que vos saúdo — pois de há muito já vos aguardava para terdes assento entre nós, — com algumas lembranças que não devo calar, ligadas que são a vozes saudosas de um tempo para mim imutável, quando tive a graça de conhecer a vossos pais, presentes comigo a esta recepção: JOSÉ e ALICE.

No instante solene e único em que me cabe receber-vos, em nome da Casa do Barão de STUDART, desejaria mergulhar convosco nessa emoção, animada das horas inefáveis em que vos conheci em vossa casa paterna, porque os registros de minha memória afetiva guardam recordações sagradas para mim, de onde se origina o intenso júbilo intelectual com que vos recebo, como se há muito tempo vos desejasse entre nós, para fraternizardes conosco, na identidade de um mesmo sentimento de amor pela História, pela Geografia e pela Antropologia.

Eis por que, preliminarmente, agradeço a Deus a plenitude desta hora encantadora, de tão gratas recordações, em que ainda consigo ouvir o eco de vozes que, embora esvaídas ao longo do tempo, ainda são por mim relembradas com o mesmo fervor de outrora.

Dou-vos graças cordiais, portanto, meu Bom Pai, porque vossa divina magnificência me enseja a abertura de um hiato — em meio às amargas e aflitivas lições deste terceiro ano de seca invernososa para fruir o intenso júbilo com que vos acolho nesta veneranda Casa do Ceará, permitindo-me fazer chegar ao vosso coração as vozes por mim ouvidas no Liceu e em vossa casa, quando alimentava o sonho de vir a ser um médico, ajudado pela sábia dedicação de vosso pai, meu inesquecível mestre de Química, JOSÉ THEÓPHILO GASPAR DE OLIVEIRA.

Se insisto em ainda ouvir essas vozes, tornando-as presentes ao instante memorável de vossa recepção no Instituto do Ceará, é porque elas se mesclam aos nossos júbilos e à minha emoção, ao vos termos conosco, abraçado fraternalmente por todos nós, por vos sabermos identificados com nossos sentimentos, numa perfeita sintonia, intelectual e espiritual.

Embora silente e distante de vós, nobre e ilustrado consócio, sempre divisei por entre os cimos altaneiros de vossa admirável carreira militar, vossa vocação natural pela História, e disso também sabia vosso glorioso Exército, ao vos alardes simultaneamente ao Generalato e à honrosa missão de Membro da Comissão de História do Exército Brasileiro, integrando o Grupo de Revisão dos Aspectos Históricos das Monografias Básicas, por ato do saudoso Ministro ORLANDO GEISEL.

Já havíeis deixado à mostra, através de inúmeros e excelentes trabalhos, essa natural tendência pela pesquisa histórica, sempre desenvolvida de modo notável, pois ante a riqueza dos valores que integram vossa personalidade de escol sempre vi ressurgir, a fito, vossa autêntica vocação de historiador, conforme passo a evidenciar. Se vossa ascensão aos postos e comandos militares, notadamente os exercidos como oficial combatente, foi coroada com vossa nomeação para o exercício das funções de Ministro de Estado, Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, vossa dedicação aprofundada aos estudos históricos atinge o cimo de sua exaltação, ao substituídes a CLODOALDO PINTO no Instituto do Ceará. Antes de demonstrar essa assertiva, necessito de acentuar que chegastes a Ministro de Estado, e Chefe fostes do Estado-Maior das Forças Armadas em 1977 e 1978, por vosso merecimento intrínseco, e assim fostes o único Ministro de Estado cearense, por vosso valor, ao contrário de nós outros, os poucos

que o fomos também, mas em virtude de circunstâncias político-partidárias, a que permanecestes sempre imune e avesso, para gáudio vosso.

Permiti-me, Sr. General Tácito Theóphilo, que intercale neste momento, de modo a se integrar nesta saudação, a carta que vos dirigi quando éreis Ministro-Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas, como prova de uma das múltiplas facetas de vossa atuação ministerial, em área a que pude ter acesso, e mereceu de Vossa Compreensão uma cordial acolhida.

De outro, não poderia ficar assinalado, algo do muito que fizestes à justa como Ministro de Estado, de Assessoramento Direto.

BSB., 25 de fev./1978

Exmo. Sr. Ministro de Assessoramento
Direto, General-de-Exército Tácito Theóphilo Gaspar de Oliveira

DD. Ministro-Chefe do Estado-Maior das
Forças Armadas.

Inclito Ministro:

I Muito me alegrei, em termos de júbilo cívico, ao tomar ciência de uma decisão de V. Exa. sobre estudos destinados a introduzir, no regime alimentar das nossas gloriosas Forças Armadas, o uso do feijão-soja.

II Conforme V. Exa. poderá verificar, através das fotocópias da correspondência mantida com o Sr. Presidente do INAN, quando era deputado federal e Vice-Líder do Governo Geisel, estive sempre avivando os diligentes cuidados daquela autoridade responsável pela nossa Política Alimentar, sobre as diretrizes mais adequadas ao êxito de sua campanha ou programa de incremento do uso do feijão-soja.

III Por entre os ofícios e cartas trocados há, sempre, a remissão ao nome de um grande agrônomo do Ministério da Agricultura, José Sebastião da Paixão, ora residente em Rio Pomba, Minas Gerais, competente e honesto pioneiro dessa benemérita campanha.

IV Por força do seu idealismo, quando fui Ministro do Trabalho, Indústria e Comércio, determinei a feitura de estudos e pesquisas no Instituto Nacional de Tecnologia, então dirigido pelo Prof. Silvio Fróes Abreu, cujas conclusões se fixavam na necessidade de ser preparado o alimento-padrão de soja,

cujo sabor agradasse ao "paladar médio" do país, de modo a configurar seu apetite na aparência do produto.

V Para a aceitação desse alimento, como base de formação de um hábito alimentar, ocorreu a tradicional descontinuidade administrativa na realização das pesquisas, e ainda não se tem esse padrão.

VI A última resposta que me veio do Presidente do INAN, em junho do ano passado, dá conta de uma experiência válida, em curso na escola pernambucana, quando lhe reclamei o atraso na execução de um Decreto de junho de 76.

VII Espero em Deus que essa modesta contribuição, levada às suas operosas mãos, se transforme em ações executivas de todo propícias, ao alcance de tão antiga meta de brasilidade e de amor ao povo brasileiro.

VIII Valho-me do ensejo para renovar a V. Exa. meus sentimentos de vera estima e da mais alta consideração.

Parsifal Barroso

Antes de fazerdes brilhar vossas quatro estrelas de General-de-Exército, atingindo o cimo da Chefia nobre, alta e árdua do EMFA, como General-de-Brigada, fostes chamado a exercer a Superintendência da "SUDENE", por dever de ofício, e em face crucial de sua existência, por força de uma crise emocional interna e do terrível flagelo da seca de 1970.

Com vosso tato diplomático pudestes amainar a séria crise interna, resultante da demissão dos ínclitos Generais AFONSO ALBUQUERQUE LIMA e EULER BENTES MONTEIRO, fazendo voltar às suas funções quase todos os servidores e técnicos que se haviam afastado, e através do vosso pulso forte de administrador lograstes superar todas as dificuldades que se antepunham à prestação da assistência devida aos nossos irmãos nordestinos, de olhos fitos na vossa capacidade de atuação executiva.

Embora enfrentando percalços de toda ordem, levastes a bom termo vossa desafiante missão e, quando deixastes o comando civil e cívico da SUDENE, para voltardes à tropa, fostes confortado à farta, com louvores e agradecimentos, da imprensa e das classes, preferindo destacar o que merecestes receber como láurea, da acadêmica e escritora RACHEL DE QUEIROZ, publicado no *O Jornal*, de 31.01.71, assim expresso: "General TÁCITO TEÓFILO, pelo seu esforço, pelos desamparados que acudiu, pela fome que minorou, pela mão

de amigo que estendeu ao povo da nossa região, nesse tempo amargo que só realmente conhecem os que lá vivem, muito obrigada. Vá ganhar as estrelas que lhe faltam, e que foram bem merecidas."

Em virtude desse aplauso e desse reconhecimento confortadores, pudestes afirmar que altaneria em vosso memorável discurso de despedida: "Há quase dois anos, assumia neste mesmo Auditório e perante o Exmo. Sr. Ministro do Interior, a Superintendência da SUDENE. Apenas setenta e duas horas mediaram entre o convite e a nomeação, mas esse tempo tão exíguo foi suficiente para que me apercebesse da urgente necessidade de restabelecer a confiança do povo e do empresariado, na obra que o Governo Federal vinha realizando no Nordeste."

E assim nobre consócio General TÁCITO THEÓFILO pudestes sair da SUDENE, de cabeça erguida pela certeza do dever cumprido, louvado por todos, confortado pela imprensa, de consciência limpa e tranqüila.

Por igual forma vos comportastes ao terdes sobre vossos ombros a cruz áureo-plúmbea de Ministro de Estado, não me esquecendo nunca da gentil atenção que me dispensastes, quando vos sugeri a introdução da soja na alimentação dos soldados de nossas Forças Armadas.

Somente agora, portanto, e após ser cumprido esse dever de justiça a que não podia fugir, passo a analisar o discurso por todos enaltecido no Rio Grande do Sul, e por vós pronunciado, como Comandante interino do III Exército, na Assembléia Legislativa do Estado, agradecendo as homenagens ali prestadas no Dia do Soldado, ao paradigmático e imortal Duque de Caxias.

Embora houvessem falado deputados ao nível de um PEDRO SIMON e de um ALEXANDRE MACHADO, os próprios colegas dos oradores parlamentares e a imprensa, foram unânimes em ressaltar a superioridade do vosso pronunciamento, cuja síntese ousei expressar: "Sabia usar a espada, irmanando-a ao poder civil, a fim de restabelecer a concórdia entre irmãos, como soldado e político, legando-nos o exemplo da possibilidade dessa convivência, desde que sejam considerados os elevados interesses da Pátria, pois as paixões políticas passam e cabe à História fazer seu registro e análise".

Mas, dentro da perspectiva dessa vossa admirável oratória, cívico-castrense, não posso deixar de fazer justa refe-

rência ao formoso e emocionante discurso que pronunciastes em Tamboril, quando comandáveis nossa 10ª Região Militar, ao ser ali inaugurado o merecido monumento erguido em honra à memória do também imortal Brigadeiro ANTÔNIO DE SAMPAIO, Patrono da Infantaria do nosso Exército.

Reproduzo o exórdio tocante dessa oração exemplar:

"Parece que ainda te vemos deixando estes sertões, para ensaiar o vôo largo das águias. O Exército te empolgou e entraste como simples soldado para suas fileiras, Brigadeiro ANTÔNIO DE SAMPAIO. Para nós, soldados, tu não estás morto. Tu estás vivo, no coração, na memória e na gratidão de todos os brasileiros."

Confesso-vos, a bem da justiça, que jamais li súplica mais perfeita sobre a vida e a glória do nosso ANTÔNIO DE SAMPAIO, do que a feita por vós em honra à sua memória sempre veneranda e imortal!

Vosso ensaio sobre a Batalha de Jenipapo, com o cerco de Caxias e dentro do contexto genérico da Guerra da Independência, revela por inteiro vossa inata vocação de historiador militar, e está publicado na Revista Militar Brasileira, volume CVIII, correspondente ao semestre — julho a dezembro de 1975, quando éreis General-de-Divisão, e éreis o Vice-Chefe do Departamento Geral de Serviços do nosso Exército.

Sempre considereei essa pesquisa histórica a que vos dedicastes uma perfeita interpretação geopolítica do imperativo que levou nossos bravos irmãos cearenses a se transformarem em instrumentos heróicos, decididos e decisivos na batalha de Jenipapo, sem cuja vitória imarcescível não se teria consolidado a Independência do Brasil, na região constituinte do antigo Estado do Maranhão, ao qual o Ceará jamais se conformou em fazer parte.

Intuíram e ajuizaram os admiráveis chefes da reação cearense contra a descabida pretensão portuguesa, de sentido restaurador, que a situação e a natureza do espaço geográfico do Ceará tanto seduziam aos intentos do Sargento-Mor FIDIÉ para o alcance da Bahia, como propiciavam aos soldados cearenses a prestação do auxílio de valia inestimável, que permitiu ao Comando da Junta de Governo de Oeiras levar de vencida a frustrada tentativa portuguesa de restauração do seu poder no Brasil.

Filiado à corrente de historiadores que negam haja sido incruenta nossa Independência, e na esteira de obras vindas a

lume ao ensejo da comemoração do seu Sesquicentenário, estudastes em profundidade e pesquisastes por inteiro a origem e a evolução das lutas que se travaram na Província de São José do Piauí.

Mas o fizestes, através dessa visão global e geopolítica, ressaltando a verdadeira causa do seu inter-relacionamento com nosso Estado, desde o refúgio dos revoltosos no Planalto da Ibiapaba, até o desejo inútil de FIDÉ, para juntar suas tropas com as de MADEIRA DE MELO, na Bahia; desde a arregimentação racional das tropas cearenses, destinadas a Campo Maior e Piracuruca, até a criação e o funcionamento do Exército Auxiliador do Ceará, sem o qual não se constituiria a Junta da Delegação Expedicionária do Ceará e Piauí.

Não vos limitastes, por outro lado, ao enaltecimento dos méritos e das glórias dos nossos Chefes PEREIRA FILGUEIRAS e TRISTÃO GONÇALVES, e da reação salvadora do Brigadeiro MANOEL DE SOUZA MARTINS, mas fizestes a justiça de exaltar no mesmo nível a bravura do Capitão JOÃO DA COSTA ALECRIM e do admirável LUIZ RODRIGUES CHAVES, todos irmanados no mesmo e patriótico anseio de firmar a Independência do Brasil, no Nordeste e no Norte, pois nosso triunfo definitivo somente se consumou com a retomada do território maranhense, após quase um ano de combates memoráveis, configurados todos de historicidade e de heroísmo.

Mas é em vosso antológico ensaio sobre a nossa Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, editado em Separata pelo Centro de Documentação do Exército, que deixastes bem à mostra vossas afinidades eletivas com algumas teses defendidas pelo Instituto a que ireis pertencer, para honra e alegria nossas, a partir de agora.

Por isso mesmo é que iniciais vossa notável memória histórica, fazendo vossa nossa afirmativa de que "Tem-se hoje como certo que foi VICENTE YANEZ PINZON o primeiro alie-nígena a descortinar, mesmo antes da descoberta de CABRAL, as brancas dunas que ornaram o litoral cearense. A verdade é que todo esforço de colonização do Brasil se fizera no primeiro século da descoberta na costa leste. Mas antes de findar a centúria, a cobiça dos franceses levara-os ao litoral norte, onde acabaram por instalar-se, em atitude contestatória ao direito português.

Foi então que se intentou sua expulsão, para o que se tornava necessário estabelecer pontos de apoio, ao longo do abandonado e agressivo trecho da costa que do Rio Grande

levava à embocadura do Amazonas". ("Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção." Separata da Revista Militar Brasileira, páginas 1 e 2).

Passais a descrever, em seguida, o fracasso da expedição de PERO COELHO DE SOUSA, em busca de um acesso terrestre ao Maranhão, lamentavelmente não conseguido, resultando do seu recuo a fundação do povoado de Nova Lisboa, na foz do rio Ceará, aí levantando o fortim de São Tiago.

Assinalastes a seguir, num estilo pictórico, o que foi a epopéia dos apostólicos e heróicos jesuítas, também malsucedidos quando desceram a serra, em busca do Vale da Parnaíba.

Permito-me transcrever somente um trecho dessa perfeita descrição, que lembra uma pintura: "Fracassara a espada, fora malsucedida a cruz. De mãos dadas haveriam de caminhar Cruz e Espada, a fim de que o objetivo fosse colimado". ("Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção". Separata da Revista Militar Brasileira, p. 5).

Mas, não há negar que todo o levantamento desse magnífico cenário visa altear ao seu cimo de glória, o vulto gigantesco daquele que foi nosso primeiro Presidente colonial: MARTIM SOARES MORENO.

Começais vosso levantamento monumental, com o minudente relato da viagem de ida e volta, por mar, daquele que não temeu em se identificar como filho de Jacaúna, ao plantar no chão maranhense a cruz de sua vitória, na qual escreveu: "Aqui chegou o Capitão SOARES MORENO a tomar posse por El-Rei Católico".

Acompanhais, como se vos debruçásseis sobre a vida do nosso primeiro Presidente colonial, todas as desdidas e sofrimentos de que foi alvo MARTIM SOARES MORENO, durante oito anos de azares, até quando retorna à sua Capitania, definido por FELIPE III, em sua Carta Patente de 26.05.1619, como "o primeiro Fundador da Fortaleza do Seará", que tanto nos conheceu, ajudou, acudiu e amou, fazendo progredir sua difícil e desafiante Capitania, como ainda agora nosso bravo Estado ainda o é.

Relatais, finalmente, o que foi o domínio holandês no Ceará até que, por força da capitulação da Campina de Taborda, o novo Capitão-Mor ALVARO DE AZEVEDO BARRETO transforma o Forte de Schoonenborch na Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, reparando e ampliando a antiga fortificação, nela construindo uma Capela. Não esquecestes de mencionar as grandes obras feitas na Fortaleza pelo Gover-

nador JOÃO DE MELO GUSMÃO, nem as andanças do Pelourinho da Vila do Ceará, até se fixar em Aquiraz, a 27 de junho de 1713.

Mas, realçastes ao nível do seu grande merecimento nosso Governador MANUEL INÁCIO DE SAMPAIO, que tomou a si o decidido e decisivo empenho de reconstruir nossa Fortaleza, com a edificação que até agora apresenta, iniciada a 12 de outubro de 1812.

Tamanha e tão crescentemente intensa foi a ponderabilidade dessa Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, no seu aspecto preventivo-defensivo em relação aos ataques dos índios, que se fixou como Capital da Província, pondo um termo final à prevalência de Aquiraz, como nossa primeira Capital.

Sente-se o fremir da fé que anima vossa vida espiritual, ouvindo-vos nas duas frases finais do vosso ensaio sobre a "Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção", assim denominada como consequência do Sinal da Cruz, guia constante dos portugueses e nascente de sua vocação marial e de sua devoção mariana.

Ouçamos essa firme profissão de fé do nosso valeroso consócio, General TÁCITO THEÓPHILO, ora integrado à vida do nosso tradicional e venerando sodalício: "Ao abrigo das velhas muralhas, no Quartel-General da 10ª Região Militar, a bela imagem da Virgem Imaculada continua a ser venerada em sua capelinha. Uma vez por ano, por ocasião da Páscoa dos Militares, sai em procissão, carregada pelos soldados, marinheiros e aviadores, para continuar derramando bênçãos pelo povoado que nasceu em torno da Fortaleza, que se tornou topônimo da Capital cearense. ("Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção". Separata da Revista Militar Brasileira, p. 14).

Provado fica, portanto, que fostes eleito sócio titular da Casa do Barão de STUDART, não como remate e corolário da vossa carreira de extraordinário soldado que sempre soubestes ser, nem como cimo final de vossa louvável vida pública, mas porque tendes vocação natural de historiador, e de há muito sois um dos nossos, agora chegado e incorporado.

SENHORES e SENHORAS:

Vivemos um período vertiginoso e tumultuário de mudanças, que somente prevalecem nas transformações das várias motivações existenciais, expressas na mutação dos valores, enquanto crescem "velociter" os alheamentos pelas transfor-

mações estruturais, que somente podem ser norteadas pelas nascentes do passado, geradoras da História.

Desejaria citar um só exemplo dessa tormentosa fase mutacional, através da evolução da pintura moderna, a refletir o desconforto da imaginação criadora, incapaz de recriar o mundo em termos de permanência, porque somente o sabe expressar e configurar em suas manifestações de dilaceramento e de vertigem, sob o signo da improvisação e da transitoriedade, no jogo caótico das cores e das formas.

Ainda bem que, em meio a essa crise que nos afeta, temos no Instituto do Ceará o terreno firme da permanência e da tradição, que nos permite sobreviver ao tempo, sustentados pela força das nossas convicções cada vez mais aprofundadas, embora esteja findo, lá fora, o período das certezas e do interesse pela Verdade.

Senhor General-de-Exército Tácito Theóphilo:

Se me permiti traçar um esboço sucinto da fase constitutivamente crítica que enfrentamos, por desígnios secretos da Divina Providência, foi no intuito de estabelecer um cotejo e um confronto entre o caos informe em que somos obrigados a viver e o ambiente do nosso Instituto, propício a um confortador e estimulante convívio de estudo e de pesquisa, nos campos da Geografia, da História e da Antropologia, enquanto vamos entretecendo os laços do nosso entendimento intelectual e de nossa amizade de guardiães do passado, para o alcance de uma perspectiva melhor quanto ao futuro que se avizinha.

Saúdo-vos, portanto, ainda agraciado por um estado de espírito, que mantém no meu íntimo uma juventude de imaginação, dinamizada por todos os fervores de minh'alma, nascidos do meu crescente amor a Deus, ao Brasil, ao Bem Comum, ao Belo, à Justiça e à Verdade.

Bem sei que recebeis em vosso formoso espírito essa saudação, e a sabeis recolher em vosso coração patriótico e cristão, porque vos situais no mesmo plano de valores e na identidade dos mesmos sentimentos que nos unem.

O Instituto do Ceará muito se honra em receber-vos com seu sócio efetivo, pelos méritos indiscutíveis que já exaltei em vossa pessoa, já agora tornando público minha vera admiração ao nobre e ilustrado sucessor do nosso saudoso CLODOALDO PINTO, porque sempre fostes fiel à herança ci-

vica de vossa formação, e vindes sedimentando uma invejável cultura em vossa alma de eleito.

Há muito que vos esperávamos nesta veneranda Casa do Barão de STUDART, porque de vós muito precisamos, para darmos exata e boa conta das nossas pesadas e beneméritas tarefas.

Quando nosso inesquecível CLODOLADO PINTO partiu para a Eternidade, a fruir a verdadeira vida, mais alta, por não ter fim, disse que perdê-lo fora um desfalque e uma pena para todos nós que integramos o Instituto do Ceará, como também para os que o conheceram e admiraram.

Mas, perante Deus, nunca devemos negar a hora da esperança, quando as horas demoram a chegar. Assim aconteceu conosco e convosco, Sr. General-de-Exército, quando tivemos a alegria de vos eleger nosso consócio, na sucessão de CLODOALDO PINTO.

Fazíeis falta ao nosso quadro de sócios titulares.

Podeis entrar, sentando-vos entre nós, integrando-vos conosco no mesmo e sagrado culto que é a própria razão de ser do nosso venerando Instituto do Ceará, com a naturalidade de quem já pertencia a esta Casa da tradição cearense.

Ficai conosco por longo tempo, beneficiando-nos com o calor de vossa amizade, as luzes do vosso espírito, a alta valia de vossa cultura, e a força do vosso intelecto, a serviço da História e da Geografia.

Compete-me ainda ressaltar, ilustre e nobre General Tácito Theóphilo, que a exemplo dos outros Generais nossos consócios, e tanto quanto eles, vossa formação militar não se fez conforme a dicotomia camoniana, lindamente expressa na estrofe 153 do Canto Décimo dos *Lusíadas*.

Ali o excelso poeta diz que "a disciplina militar prestan-te não se aprende na fantasia, sonhando, imaginando ou estudando, senão vendo, tratando e pelejando".

Certo é, todavia, que em vossa formação militar soubestes ficar imune aos sortilégios do sonho e da fantasia, mas tendes feito bom uso, por outro lado, da força de vossa imaginação e do vosso amor ao estudo e a pesquisa.

São esses os votos que levo a Deus em favor vosso, com as boas-vindas que vos dou, por honrosa delegação do nosso venerando Instituto, dizendo-vos mais uma vez que esta Casa

já era vossa, assentando-vos conosco em torno da mesma mesa, na certeza tranqüila de que o pão e o vinho do espírito são puros, e por isso imperecíveis, nutrientes, a exemplo do combustível e do comburente intelectuais que alimentam e sustentam nossas convicções culturais e cívicas.

Estais em vossa Casa e entre os vossos irmãos.

Não por um dever de cortesia que o formalismo das boas práticas me aconselhassem, digo-vos, de coração a coração.

Sede bem-vindo e feliz entre nós, que nos rejubilamos com vossa presença e nos honramos da vossa companhia.